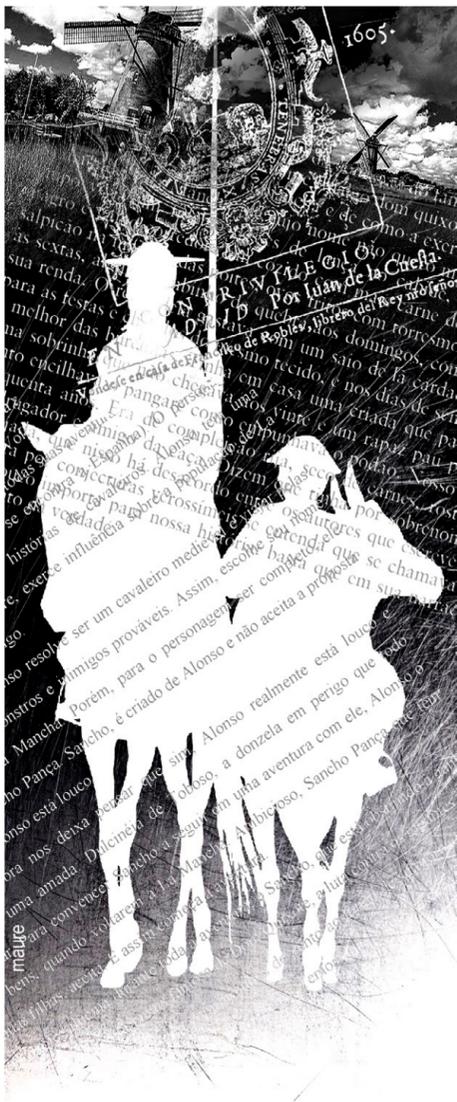


Pastel frio e café amargo

» OTÁVIO SANTANA DO RÊGO BARROS
General de Divisão da Reserva



O equilíbrio na tomada de decisões é o caminho apontado pelo Cavaleiro da Triste Figura. O que se vê, entretanto, são constantes radicalismos insufladores dos que vivem exclusivamente para suas redomas.

“Veste-te bem, que um pau enfeitado já não parece um pau; não digo que tragas dices

nem galas, nem que, sendo juiz, te vistas como soldado, mas que te adornes com o fato que o teu ofício requer, contanto que seja limpo e bem composto.”

Quando na pele de príncipe é dever honrar a liturgia do cargo. Atribulados comportamentos, sob a ótica de que quanto mais parecido com o simplório mais fácil dominar o simplório, é puro populismo.

“Visita os cárceres, os açougues e as praças, que a presença do governador em tais lugares é de muita importância [...] assusta os carneiros, que por essa ocasião não roubam no peso, e da mesma forma serve de espantinho às regateiras das praças.”

Atento aos malfeitos dos desviados, dos corruptos incorrigíveis, o governante deve envidar esforços para deter comportamentos deploráveis pelo exemplo e força de sua imagem. Ao fugir dessa responsabilidade, arrisca-se a certificar sua amoralidade.

“Não te mostres cobiçoso, nem mulherengo, nem gulotão, porque em o povo sabendo o teu fraco, por aí te hão de bombardear, até te derribarem nas profundas da perdição.”

Quixote induz Sancho Pança a agir conscientemente em conformidade com o conjunto de bons valores esperado pela sociedade. São muitas as autoridades do façam o que digo, embora elas não o façam. Do hoje vale, amanhã não vale. Do quem disse que eu disse isso?

O livro é recheado de outras passagens singelas que apontam na mesma direção do bem-servir aos seus súditos. Especialmente os capítulos que tratam da governança de Sancho Pança na Ilha da Barataria são pérolas que se assemelham a manuais de liderança.

Pois bem, senhores cidadãos que se submeterão ao escrutínio popular, “Deus te guarde de quem te queira magoar.”

No intervalo entre um comício e outro, entre uma reunião e outra descansem carregando a pedra das proveitosas passagens de Cervantes.

Melhor que conversa fiada de apoiadores de ocasião ou comer pastel frio com café amargo, fingindo achar uma delícia.

Paz e bem!

A leitura da famosa obra de Miguel de Cervantes, *Dom Quixote de la Mancha*, deveria ser obrigatória aos que assumissem o poder em nome do povo.

O pensar dos seus personagens, por vezes incompreendido nas frases desconexas da realidade, merecem reflexão como se fosse um vade-mécum de proceder diante dos desafios do governar.

Esta semana, folheando um surrado exemplar do livro, deparei-me com uma joia rara do ritual de aconselhar. Trata-se da carta enviada por Dom Quixote a Sancho Pança com observações de como comportar-se na cadeira de governador na Ilha da Barataria.

Com a aproximação das nossas escaramuças eleitorais, começarão a pipocar planos de governo mirabolantes e diretivas partidárias eivadas de obviedades que servem tão somente para cumprir tabela junto à justiça eleitoral.

Como somos uma sociedade que não valoriza os partidos políticos (eu prefiro chamá-los de agrupamentos partidários) — por serem amorfo, temporários e descompromissados com os anseios da sociedade — votamos nas pessoas que pareçam melhor compreender e defender nossos sentimentos, ainda que de coloração ideológica diversa.

São para essas autoridades que iluminam trechos da missiva.

Escreveu Dom Quixote: “Para ganhar as vontades do povo que governas, entre outras coisas, duas há de fazer: a primeira, ser bem-criado com todos, e isso já eu te recomendai...”

Aqui, os mal-criados são criticados. Quantos os temos em nosso país e que parecem jactar-se dessa postura desleal?

“... a outra, procurar que haja abundância de mantimentos, porque não há coisa que mais fatigue o coração dos pobres do que a fome e a carestia.”

A preocupação com a sobrevivência alimentar mostra-se presente na mensagem. Os níveis de famélicos no Brasil assomam a vinte e oito milhões de almas, números desumanos.

“Sê pai das virtudes e padrao dos vícios. Não te mostres sempre rigoroso, nem sempre brando, e escolhe o meio termo entre esses dois extremos, que aí é que bate o ponto da discrição.”

A OAB/DF renova seus compromissos com a advocacia e a população

» DÉLIO LINS E SILVA JR.

Presidente da Seccional do Distrito Federal da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB/DF)

A caminhada ao lado da advocacia do Distrito Federal, desde 2018, quando, pela primeira vez, recebi a confiança da maioria para administrar a Ordem local, trouxe a mim e ao nosso grupo muitos aprendizados. Havia um projeto a ser realizado, honrar aqueles compromissos de campanha. Assumimos, em 2019, e buscamos executar o que nos propusemos a fazer. Para isso, levantamos a situação da OAB/DF, verificamos o status do ponto de partida: desde as condições estruturais, às financeiras, à missão de atender os profissionais no triênio. Quando iniciamos o fazer, veio a pandemia. No primeiro momento, foi assustador, depois, a necessidade de reagir. Assim, fechamos o período com avanços jamais calculados. Cumprimos mais do que havíamos planejado, com empenho de todos. Agora, esse trabalho nos reconduz à direção da OAB/DF para o próximo triênio (2022-2024).

A primeira coisa a fazer é agradecer a todos. À advocacia do DF e, também, aos colaboradores da Ordem. Quando se disputa uma eleição, o debate acentua as divergências. Encerrada a disputa, o desafio é aglutinar, superar, somar. Não se pode administrar uma casa como a OAB/DF em uma visão apenadenada de que há opositores que querem o insucesso da gestão. É preciso entender que cada crítica é um alerta ao aperfeiçoamento. Assim, compreenderemos. Aos candidatos que disputaram conosco o voto da advocacia, externo meus cumprimentos. Fizeram o debate. Respeito. Agora, já não os vejo como oposição. São colegas advogados e advogadas que merecem ser ouvidos.

Aprendi muito cedo na vida profissional que a Ordem é o templo da democracia. Nesse regime, todas as vozes podem se colocar e devem ser ouvidas. Nenhuma ideia pode ser

descartada sem antes conhecer a sua viabilidade e a sua possibilidade de dar frutos positivos para a coletividade. É com esse espírito que seguiremos.

Dito isso, virada a página da disputa, temos o compromisso para o futuro imediato, de médio e de longo prazos. O que a advocacia, como todos neste país, ressentido são impactos da pandemia. Nossa ação na OAB/DF será, essencialmente, para dar suporte à advocacia para um mundo cada vez mais tecnológico e disruptivo. Tudo o que sabíamos do século 20 para cá ruuiu. O que o século 21 vem trazendo é uma reorganização social jamais vista por meio de novos acessos e novas exclusões a partir da tecnologia.

Como avançaremos para que a advocacia consiga ter as prerrogativas respeitadas? Como trabalharemos para uma melhor remuneração? Como não permitir que o mercado nivele por baixo a prestação de serviços de uma categoria que não visa tão somente o lucro e que busca, fundamentalmente, não se expressar em disputas mercantilistas?

Para responder a esses desafios, sabemos que temos pela frente muito trabalho árduo. Diuturnamente, precisaremos nos superar. Aperfeiçoar os processos de prestação de serviços da Seccional. Mais do que isso, precisamos oferecer um tratamento que seja além do contato por scripts de robôs, chatbots. Não é sobre a tecnologia que devemos nos debruçar apenas! Temos de estar presentes para agirmos como humanos que somos. A advocacia é exercida por humanos para humanos. A tecnologia é ferramenta, suporte.

O recado a ser dado, pós-eleições OAB/DF, é que tivemos imenso sucesso no pleito na modalidade on-line, fizemos economia de recursos, tivemos eficiência, segurança e confiabilidade no resultado, mas

continuaremos de portas abertas entregando as carteiras aos novos profissionais, orientando quanto à participação na Ordem. Seguiremos equipando espaços nas Subseções. A advocacia não acontece só no Plano Piloto. Essa, também, foi a resposta das urnas. É o fazer por todos, no Plano Piloto, e no mais distante ponto do DF. Somos todos advogados e advogadas!

O compromisso ético, moral e imprescindível com a igualdade de oportunidades entre homens e mulheres, pessoas negras e as não negras segue firme. Fortalecemos ao longo de três anos a Comissão da Mulher Advogada e a Comissão de Igualdade Racial. Tornaram-se permanentes na nossa gestão. Criamos as Diretorias de Igualdade Racial e de Prerrogativas. Aproximamos o diálogo com as altas cortes, e com cada Vara da Justiça. Cobramos, também, desde o trabalho com segurança até a retomada dos tribunais. Fortalecemos o apoio à saúde, à assistência social e à formação profissional, por meio da CAADF (Caixa de Assistência dos Advogados) e da ESA (Escola Superior de Advocacia), respectivamente.

Tudo o que fizemos não é luta do passado! São permanências, pois, a cada dia, enfrentaremos o racismo estrutural, o desrespeito às mulheres, a violência dentro e fora dos lares que afeta a nossa categoria e a população. Apoiaremos os jovens e os veteranos no exercício profissional.

Por fim, lembro que a Ordem não é um organismo isolado. Ao contrário, além das justas pautas da corporação, está ao lado da população, como estivemos para assegurar vacinação contra a covid-19. Seguiremos ao lado desse povo do DF que tanto nos orgulha e merece nossa atenção.

Todos podem contar com a OAB/DF!

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

População resiliente com espertos à frente

Não fosse essa mania recorrente de bisbilhotar os bastidores e as idas e vindas dos políticos desse país, realizada por uma parte da imprensa, que ainda acredita que o dinheiro público, num país falido financeiramente, deve ser respeitado como algo sagrado e gasto, portanto, com parcimônia, pouco ou nada saberíamos sobre o festim permanente que essas elites no poder têm feito com os recursos suados dos pagadores de impostos.

Tem sido uma festa sem fim desde que o imperador Pedro II foi banido do Brasil, em 17 de novembro de 1889, por um golpe militar que instaurou, da noite para o dia, uma forma de governo muito particular, em que a coisa pública ou Res pública permaneceria à disposição daqueles que comandam a máquina do Estado para gastá-lo da maneira que melhor lhes aprouver.

De lá para cá, esse apossamento dos recursos públicos, extraídos a fórceps da população, só vem aumentando, na contramão dos investimentos necessários para a população, que diminuem a cada dia. Foi assim que chegamos à situação esdrúxula em que os recursos para o atendimento das necessidades básicas da população, como saúde, segurança, transporte e educação, entre outros, simplesmente deixaram de existir, enquanto o dinheiro para o atendimento clientelista e sem lastro ético de uma elite política e poderosa é abundante e despendido em mordomias que fariam corar de vergonha os marajás das Mil e Uma Noites.

Não é por outra razão que somos de um país onde mais de 50 milhões de brasileiros passam fome e onde os Poderes e as instituições públicas são as mais caras e ineficientes de todo o mundo. Não se sabe até quando esse modelo peculiar de República poderá resistir sem que a sociedade tome as devidas providências para estancar essa derrama injusta.

Graças à bisbilhotice do jornal *Folha de S. Paulo*, em sua edição de 22/11, ficamos informados que autoridades dos Três Poderes da República passaram uma semana na aprazível cidade portuguesa de Lisboa sob o pretexto de participarem do IX Fórum Jurídico de Lisboa, entre os dias 15 e 17 deste mês. Para o “dolce e bel far niente”, torraram a módica quantia de R\$ 500 mil, entre passagens, hospedagens e diárias, pagas pelo contribuinte, não se sabe com que finalidade nem propósito.

Nesse fórum, organizado pelo Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa, nome pomposo dado a uma entidade privada, que a *Folha de S. Paulo* afirma ser de propriedade do ministro do Supremo Tribunal Federal Gilmar Mendes e de seu filho, estiveram presentes autoridades dos Três Poderes da República, inclusive do Tribunal de Contas da União (TCU) para o caso de haver alguma interpelação pública sobre esses gastos de “extremo” interesse da nação.

De concreto, o que resultou desse fórum — um convescote político feito às expensas da população, que fica sabendo dessas reuniões, graças apenas à mania de parte da imprensa em mexerica a vida opulenta das elites instaladas nos Três Poderes — ninguém sabe, nem mesmo aqueles que estiveram nessa reunião aproveitando também a camaradagem gratuita dispensada a essa gente pelos aviões da Força Aérea, há muito transformados numa espécie de empresa de turismo à disposição das elites do Estado.

» A frase que foi pronunciada

“Não existe essa coisa de dinheiro público, existe apenas o dinheiro dos pagadores de impostos.”

Margareth Thatcher

Violência tupiniquim

» Tudo sobre a mesa preparado para a volta de Heloísa Helena a Brasília. O partido Rede, do senador Randolfe Rodrigues, articula a candidatura da ex-senadora, dessa vez, provavelmente para a Câmara dos Deputados. Pode ser que o partido se decepcione, Heloísa Helena não é de se unir com inimigos para atacar outros inimigos.

Nosso jornal

» Vale a pena o *Correio Braziliense* resgatar as matérias feitas pelo jornal sobre vida e obra de Leda Watson. Artista internacional que vive em Brasília merece o reconhecimento pela dedicação em levar a arte para o mundo. Fica a dica.

Baiano

» Irreverente, nosso leitor, o Baiano, sugere que, no centro de São Paulo, no lugar do touro imitando Wall Street, o animal brasileiro mais realista para ocupar lugar em frente à Bolsa de Valores seria um bodinho magro de circo mambembe.

Coerente

» Pelo número de documentos que a Caixa exige para financiar a casa própria, é impossível haver corrupção. O estressante percurso até a assinatura do contrato ignora as pessoas de bem.

» História de Brasília

Os empréstimos para desconto em consignação da Caixa Econômica, não foram cedidos a todos. Agora, fala-se em nova inscrição, mas há gente utilizando prestígio para conseguir sem fila. (Publicada em 14/02/1962)